



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

O RITMO DAS ÁGUAS E O COTIDIANO DAS ESCOLAS RIBEIRINHAS DE PARINTINS-AM: A VAZANTE E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO SEBASTIÃO

Rildo Oliveira Marques^(a), Cláudia Cristina Garcia Batalha^(b), Hugo Levy da Silva de Melo^(c), Roberto Greco^(d)

(a) Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas (UFAM) rildomarques.geo@gmail.com

(b) Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Instituto Federal do Amazonas. claudiabatalha.geo@gmail.com

(c) Doutorando em Ensino e História De Ciências da Terra. Universidade Estadual De Campinas (UNICAMP) hugo-am@hotmail.com

(d) Programa de Pós-Graduação em Ensino e História de Ciências da Terra Universidade Estadual De Campinas (UNICAMP). greco@ige.unicamp.br

Eixo:

Metodologias para o ensino da Geografia Física no ambiente escalar

Resumo

A Amazônia brasileira possui nas margens dos seus cursos fluviais inúmeras cidades, comunidades, vilas e núcleos populacionais onde a dinâmica hidrológica da enchente e vazante é tão particular que os habitantes desses locais aprenderam ao longo do tempo a viver e conviver diariamente com múltiplos desafios. Este artigo teve como objetivo compreender as concepções e os desafios dos alunos da Escola Municipal São Sebastião quanto a problemática da vazante no ano de 2015 e as implicações para o ir e vir à escola. Para tanto, utilizou-se uma abordagem com viés qualitativo e participante. Os procedimentos metodológicos realizados foram: levantamento bibliográfico, aplicação de questionários semiestruturados e entrevistas com base no registro oral dos sujeitos com auxílio de um gravador de voz. A população investigada foram os próprios alunos e alguns pais de alunos da escola que em seus depoimentos relataram as dificuldades escolares com a vazante do rio Jará.

Palavras-chave: Educação do Campo, desafios escolares, vazante.

1. Introdução

A Amazônia brasileira possui nas margens dos seus cursos fluviais inúmeras cidades, comunidades, vilas e núcleos populacionais onde a ação hidrológica nos ambientes de várzea e terra firme é tão particular que os habitantes aprenderam ao longo dos anos a viver e conviver diariamente com múltiplos desafios. Parte dessa dinâmica está associada às grandes vazantes registradas nos últimos anos no cenário amazônico, impondo na maioria das vezes, dificuldades no deslocamento. É neste cenário que as escolas ribeirinhas têm seu cotidiano influenciado pelas condições sazonais.

Parintins, assim como os demais municípios da calha do médio Amazonas, possui calendários específicos adaptados para as escolas do campo. No entanto, o ano de 2015 foi de mudanças no calendário das escolas ribeirinhas de terra firme, sobretudo, aquelas cujo



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

calendário é denominado pela Secretaria Municipal de Educação de “isolados pela seca”, onde o ano letivo inicia-se em janeiro e termina na primeira quinzena do mês de outubro. Com as modificações no ano de 2015, o calendário das escolas ditas “isoladas pela seca”, passou a ser o mesmo da sede do município, que tem seu início em março e seu término em dezembro.

Apesar da variação anual do nível da água e da constante ocorrência de enchentes e vazantes excepcionais, a maioria das escolas ribeirinhas tinha nesse instrumento um meio adaptado para lidar com as adversidades impostas pela natureza.

É importante destacar, que essa mudança foi feita sem consulta às comunidades e está em desacordo com as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), onde em seu artigo 23, parágrafo 2, assegura que os calendários das escolas do campo precisam ser adaptados as condições climáticas e ambientais do lugar de acordo com as suas peculiaridades.

Os reflexos das dificuldades impostas pela vazante do rio podem ser observados nas salas de aula, pois com a paralização do transporte escolar via fluvial, muitos alunos estão se ausentando e tendo baixo rendimento nas aulas de as distâncias quilométricas para se chegar ao ambiente escolar. Na maioria das vezes esse trajeto se faz acompanhado de diversos perigos e situações de risco.

Nesse sentido, a nossa proposta de trabalho assumiu como objetivo principal compreender as concepções e os desafios dos alunos da Escola Municipal São Sebastião do rio Jará, no município de Parintins - AM, quanto à problemática da vazante do ano de 2015 e as implicações que este fenômeno climático e hidrológico tem causado no acesso ao ambiente escolar.

2. Materiais e Métodos

A pesquisa foi de cunho qualitativo e participante, onde o pesquisador professor conviveu como parte integrante do seu objeto de estudo e interagiu com os sujeitos e os processos atuantes. O trabalho teve como base norteadora os princípios do método



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

fenomenológico que para Moreira (2004) é um modo de dar evidências à experiência vivida, onde por meio do fenômeno, revela tudo aquilo que se apreende pela consciência, sendo possível assim a descrição do ambiente vivido.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário à aplicação dos seguintes procedimentos metodológicos: Levantamento bibliográfico; aplicação de questionários semiestruturados e entrevistas com base no registro oral dos sujeitos, pois segundo Portelli (2010) na oralidade encontramos a forma de comunicação específica de todos os sujeitos que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público.

Os alunos selecionados para responder as perguntas contidas no questionário e a entrevistas foram, principalmente, aqueles que não moram próximo da comunidade e que precisam fazer o trajeto via fluvial por meio do transporte escolar. Ao todo, foram nove (09) alunos que participaram das entrevistas. Durante as entrevistas foi utilizado um gravador de voz para o registro dos depoimentos que foram empregados posteriormente nas discussões deste trabalho.

Além dos alunos foram entrevistados também três (03) pais que se dispuseram a contribuir com a pesquisa de forma a sensibilizar a Secretaria Municipal de Educação a rever a situação do calendário escolar, e assim tentar resolver o problema.

2.1 Área de Estudo

A pesquisa foi realizada na Comunidade São Sebastião do rio Jará, com os alunos da Escola Municipal São Sebastião, principalmente os que residem nas cabeceiras e igarapés mais distantes. A comunidade São Sebastião, conforme a figura 01 está situada a sudoeste da sede do município de Parintins, estando a margem esquerda do rio Jará, sendo este afluente pertencente à rede hídrica da bacia do rio Uaicurapá. A comunidade está localizada em uma área de terra firme na zona rural do município de Parintins-AM e possui aproximadamente 22 famílias.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019



Figura 01: Localização da comunidade São Sebastião. Fonte: INDE, 2015. Organizador: MARQUES, 2015.

A Escola Municipal São Sebastião, segundo os moradores, foi construída com recursos e esforço dos próprios comunitários e atende do Ensino Infantil ao Médio, sendo sua estrutura física em madeira. Esta possui três salas de aula, sendo que uma pertence ao Ensino Mediado por Tecnologia e um anexo onde se trabalha com as turmas de 6º e 7º ano no turno matutino e 8º e 9º ano no turno vespertino.

O acesso à comunidade ocorre por via fluvial em que são utilizadas embarcações de pequeno e médio porte, onde o motor de poupa “rabeta” é um dos meios de transporte mais utilizado pelos moradores.

3. Resultados e Discussões

3.1 O rio e o cotidiano das escolas ribeirinhas

Leandro Tocantins (2000), em “O rio comanda a vida” destaca que esse recurso natural imprime as sociedades rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional. É esse um dos pontos importantes desse estudo, onde o rio em determinado período é o elemento primordial na vida dos moradores.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Nesse contexto, o dia-a-dia das escolas ribeirinhas é também alterado, sobretudo quando estas passam por vazantes extremas, dificultando assim a vida de alunos e professores, uma vez que os rios na Amazônia são também úteis como meio de locomoção. Todavia, o pulso de inundação (JUNK et. al, 1989) em muitos rios e localidades da região compromete o acesso dos discentes às escolas ribeirinhas.

O problema da vazante atinge principalmente a escola, pois exige dos educandos que moram em locais mais distantes em fazer o trajeto até a comunidade a pé. Nesse período, corre-se muitos riscos, como expressa a aluna:

“Eu venho por terra pra escola agora, às vezes os alunos como eu que mora em cabeceira, nós temos que vim andando enfrentando o sol quente ou enfrentando risco de aparecer algum animal perigoso como onça, cobra ou outros animais. Nós atravessamos por cima de paus e atravessamos igarapés e vindo por dentro da mata e quando a gente volta já é de noite e já é mais perigoso”. (S. F. S. Comunidade São Sebastião – Jará, em Nov. 2015).

Não se pode ignorar as dificuldades enfrentadas pelos educandos do campo, devido a vazante do rio, pois estas acabam afetando a vida dos mesmos no âmbito escolar, além de baixa frequência, terão também baixo rendimento.

Glória (2012) em seu estudo realizado na bacia do rio Tarumã mirim, verificou que na época da vazante, as escolas dessa bacia ficam isoladas; os trajetos por sua vez são percorridos em longas caminhadas, pois o transporte escolar já não consegue navegar, onde na maioria das vezes os cursos d’ água são interrompidos por obstáculos encontrados no leito do rio.

A planície amazônica contém duas ordens de paisagens inteiramente diferentes: as várzeas e as terras firmes. Essa atual planície de inundação, forma extensas áreas baixas ao longo da calha do rio Solimões/Amazonas, perfazendo uma área estimada em 64.400 km², o correspondente a 1,5 % da Amazônia em território brasileiro (CARVALHO, 2006). Por outro lado, são as chamadas terras firmes, terrenos mais elevados e que estão além do nível das enchentes, que predominam na Amazônia brasileira. (STERNBERG, 1998).

No entanto, as diferenças na paisagem ribeirinha que pretendemos ressaltar aqui não são a das terras firmes e várzeas, mas sim aquela promovida pela subida e descida das águas



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

em determinado período do ano. É essa variação do nível das águas nesses ambientes, sobretudo a que ocorre durante a vazante que se impõem à nossa atenção como componente primordial da paisagem física na comunidade.

Durante a enchente, período que tem seu início por volta de novembro e vai até junho, a vida em comunidade é mais tranquila, a produção agrícola tem seu escoamento dinamizado pelo grande volume de água do rio, o acesso ao rio para a realização de atividades domésticas e de lazer é bem mais facilitado e o transporte escolar fluvial não tem problemas em sua navegação. Um dos poucos problemas verificados no período da subida das águas é a pouca oferta do pescado, como relata em entrevista um educando:

“Quando vem a enchente nós tem que fazer criação de animal que serve pra nossa alimentação, porque com a enchente fica mais difícil de peixes e caças de animais como porco queixada, tatu, veado e outros animais também, mas fica mais difícil pra gente mesmo é o peixe. Já na seca do rio não, a gente encontra no rio tudo o quanto é tipo de peixe, dá pra guardar um bocado” (D. V. S. Comunidade São Sebastião – Jará, em Nov. 2015).

Por outro lado, o período de vazante do rio que se estende entre os meses de julho a outubro, é considerado pelos moradores como a estação que mais apresenta dificuldades em seu cotidiano, pois no decorrer desses meses a locomoção via fluvial é dificultado pela decida das águas, restando para a maioria dos moradores a locomoção terrestre por distâncias quilométricas. Nessa estação, ao contrário da enchente, é o período onde a oferta do pescado é dinamizada pela enorme variedade de espécies que são capturadas. Entre as quais se destacam o tucunaré, os acarás, a branquinha, o pacu e a saúna.

Marques (2017) aponta que desde o início do século, a variação de enchentes e vazantes com níveis extremos em Parintins têm sido constantes e com intervalo de poucos anos entre um evento e outro. Durante os últimos 15 anos, as maiores enchentes ocorreram nos anos de 2009, 2012 e 2014, todas ficando com nível acima dos 9m, enquanto que as vazantes mais intensas atingiram valores negativos e ocorreram em 2005, 2012 e 2015 (figura 02).



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

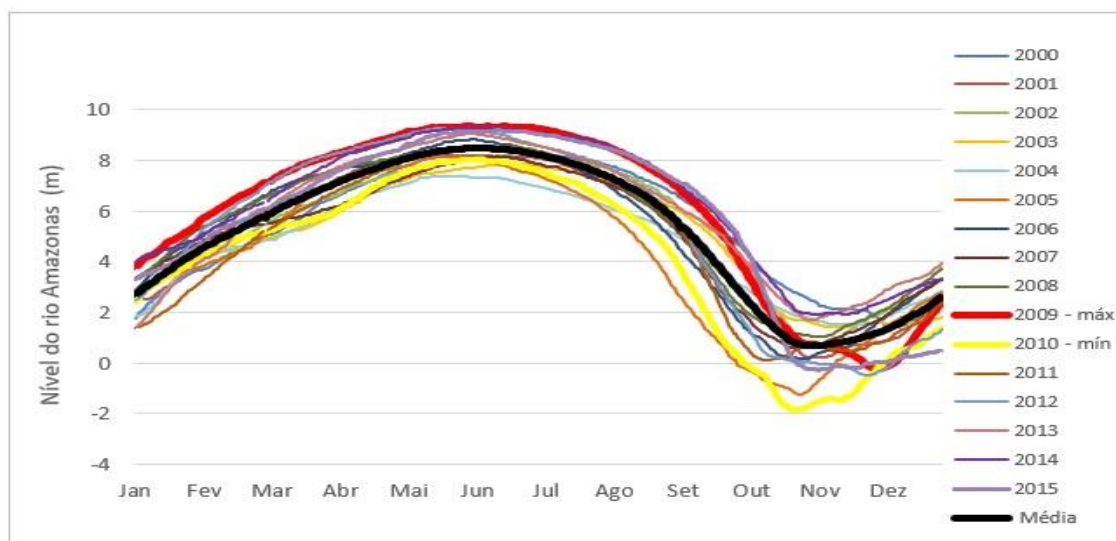


Figura 02: Comportamento anual do rio Amazonas em Parintins entre 2000 e 2015. Fonte: Agência Nacional de Águas. Organizador: MARQUES, 2017.

É durante a vazante, sobretudo a do ano de 2015 que por ter atingido em Parintins a cota do rio muito baixa, associada à mudança do calendário escolar, é que os alunos da Escola Municipal São Sebastião sentiram como o ambiente hidrológico desarticulou o seu ir e vir ao ambiente escolar de forma a dificultar o processo de ensino aprendizagem.

3.2. O olhar dos educandos sobre os problemas referentes à descida das águas em seu cotidiano escolar

Esta sessão aborda a percepção dos alunos da Escola Municipal São Sebastião quanto à problemática da vazante e como esta tem dificultado a sua vida enquanto estudante, principalmente no que se refere ao deslocamento até a escola.

Sobre o posicionamento dos alunos em relação aos principais problemas que afetam os estudos com a vazante do rio Jará, 100% dos entrevistados relataram sentir dificuldade em comparecer todos os dias no âmbito escolar devido à distância e que existe a preocupação em relação aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, como se pode observar no relato do educando:

“O problema maior é o meu deslocamento para a escola e quando não dá pra ir, a professora passa atividade a distancia e isso pra mim não é bom, por causa de que



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

quando tô com dúvidas sobre o assunto, pra quem que vou perguntar? Esse é o problema em não estar todos os dias presentes em sala de aula. Então por isso a gente perde todos os conteúdos que a professora passa para os alunos em sala” (B. A. S. Comunidade São Sebastião – Jará, em Nov. 2015).

Os reflexos dessas dificuldades impostas foram observados diariamente nas salas de aula, pois com a paralização do transporte escolar via fluvial, muitos alunos se ausentaram e das aulas, comprometendo assim, o ensino aprendizagem. Alunos que moram nos igarapés mais distantes também descreveram as dificuldades enfrentadas durante o período da vazante, tendo que acordar mais cedo para ter que vencer a distância até a escola:

“As dificuldades são quando nós vamos andando, temos que tomar cuidado na hora de travessar o canal, se não, podemos cair na lama, e é até um pouco arriscado porque podemos ser picado por uma cobra. Nós sai das nossas casas, atravessamos os canais que tem nas cabeceiras, e temos que sair bem cedinho de nossas casas por causa que é muito longe” (F. A. M. Comunidade São Sebastião – Jará, em Nov. 2015).

Por meio da observação participante e de relatos dos moradores e dos próprios alunos da escola, percebe-se que a vida durante a vazante se torna bem difícil e se levarmos em conta os dados dos últimos anos da variação do nível do rio Amazonas, é notável que existe uma tendência à ocorrência de vazantes cada vez mais intensas nos próximos anos.

Diante desses desafios, os professores reuniram-se com a Coordenadora da escola e com a SEMED e chegaram a conclusão de que seria mais viável planejar as aulas com tempos reduzidos, favorecendo assim a volta mais cedo desses alunos para suas casas, principalmente os que estudam no turno vespertino, pois sem a redução, esses alunos chegariam noite em suas casas. A escola planejou essa redução para que não houvesse resultados negativos nos conteúdos trabalhados e desenvolvidos em sala de aula.

Como se pôde observar nas palavras desses alunos, as dificuldades são inúmeras e preocupantes, pois são crianças e adolescentes na faixa etária de 4 e 15 anos de idade que enfrentam esses riscos existentes no trajeto percorrido, como mostra a figura 04 e 05.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019



Figura 04: Trajeto feito por cima do igarapé.



Figura 05: Trajeto feito em uma área encharcada.

Nos relatos dos educandos é possível notar que uma das preocupações mais citadas é o perigo de encontrar animais peçonhentos, como a surucucu, cobra com capacidade altamente venenosa. Além das cobras, a onça também é citada, uma vez que muitos alunos para evitar a passagem por locais lamacentos, junto às margens do rio, se embrenham pelas matas, não existem estradas.

A partir do mês de outubro, onde se tem o pico da vazante, a ausência dos alunos é cada vez mais perceptível, fazendo com que o professor crie estratégias para não prejudicar ainda mais seus alunos. Uma das formas encontradas é o planejamento de suas aulas com base em atividades à distância para que os alunos não percam o ano letivo.

Porém, se estas atividades beneficiam os educandos, lhe conferindo presença e conceito em suas notas nas disciplinas, por outro, o educando perde um dos principais meios de aprendizagem, que é processo de interação e de mediação na relação educador/educando, pois perdendo explicações e o contato com os demais colegas, dificulta o aprendizado socialmente construído em sala de aula.

Pensando na importância dessa relação, Freire (1987, p.33) chama a atenção para o fato de que a relação professor/aluno é de extrema importância no processo de ensino aprendizagem, assim:

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora), parece que mais nós podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante - o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras (FREIRE, 1987, p 33).



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

A ocorrência de metodologias com base em atividades a distância faz com que essa relação seja aos poucos perdida, fazendo com que o educando perca o contato com o educador e vive e versa, rompendo assim com a construção do conhecimento realizado entre ambas as partes. No entanto, devido às circunstâncias naturais, essa parece ser uma das poucas formas que o educador do campo encontrou para tentar minimizar essa situação.

3.4. O olhar dos pais sobre a mudança do calendário escolar

A mudança do calendário das escolas ribeirinhas de terra firme, ou seja, aquelas cuja denominação indica o “isolamento pela seca” não resultou em efeitos positivos no cotidiano tanto de professores quanto de alunos, pois foi uma decisão vertical e sem a devida consulta aos moradores dessas comunidades.

Quando indagado aos pais desses alunos o que mudaria e quais as dificuldades que seus filhos passariam a enfrentar, a maioria das respostas foram muito parecidas e demonstravam certa preocupação com o rendimento e educação dessas crianças.

“Isso foi uma decisão que realmente nós pais não sabíamos que ia acontecer essa mudança, e foi péssima. Porque no calendário anterior do ano passado 2014, ajudava muito as crianças e nós pais de alunos. Com essa mudança ficou muito difícil, as crianças faltam aula devido à distância, devido também a criança ter que sair muito cedo de casa, muitas não acordam aquele horário de quatro e meia da madrugada e quando acordam, tem que tomar banho no igarapé frio, então essa mudança complicou muito a situação” (D. V. Comunidade São Sebastião – Jará, Nov. 2015).

Outra moradora ressalta que tal mudança não prejudicou somente os alunos, mas também os professores:

“Pra mim como mãe foi uma falta de respeito da parte deles, por causa que foi tão bom quando mudaram o calendário que ia até certa data que não prejudicava muito os alunos e tantos os professores pra vim dar aula aqui na nossa comunidade, que a dificuldade é grande de virem de Parintins, pra enfrentar lama que não tem água só é lama, e eu achei muito ruim assim, foi uma falta muito de respeito com a gente do interior, só porque a gente é do interior a gente num tem uma coisa, uma importância de ser consultado pra saber o que a gente pensa ou não, eu achei assim muita falta de respeito mesmo” (N. G. A. Comunidade São Sebastião – Jará, Nov. 2015).



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Todas essas situações permitem entender que a educação do campo ainda é tratada de forma isolada, sem a participação dos pais, gestores, professores e alunos e que muitas propostas para a sua melhoria, principalmente a elaboração de um currículo específico, ainda pairam no discurso que permeia as incertezas dessas escolas.

4. Considerações finais

A escola atua como uma peça chave na formação dos educandos, os tornando críticos, pensantes e atuantes diante de uma sociedade que às vezes chega a ser desumana com o indivíduo sem escolaridade. Por isso se faz necessário o contato direto entre educador e educando, principalmente nas escolas do campo, para que haja essa construção de conhecimentos entre ambos e que assegure uma cidadania digna para esses sujeitos.

Silva Junior e Borges Netto (2011) relatam que as dificuldades da educação no Brasil são inúmeras, no entanto, a do campo, a situação é mais difícil, diminuída aos alcances geográficos e culturais da cidade, não reconhecendo o campo como um espaço social e de constituição de identidade de sujeitos. A escola do campo não deve ser apenas uma imitação da escola da cidade, mas sim, uma escola que esteja atenta aos seus sujeitos específicos.

Destaca-se aqui, que ao realizar esse artigo, tiveram-se dificuldades em encontrar literatura referente aos problemas escolares e a vazante dos rios. Porém, a convivência in loco e as bibliografias lidas foram fundamentais para o seu desenvolvimento.

Diante da realidade observada, constatou-se que precisa haver uma reformulação participativa e em acordo com a legislação vigente no que se refere ao calendário escolar, levando em conta o tipo de ambiente em que a escola está inserida. Há uma necessidade por parte da SEMED em reformular o calendário das escolas de acordo com suas especificidades. O campo é um espaço único, singular, rico em sua diversidade cultural, em seus saberes e costumes, por isso merece uma atenção voltada as suas particularidades, por isso faz-se necessário conhecer a realidade social e natural desse ambiente geográfico.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Referências

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, J. A. L. **Terras caídas e consequências sociais: Costa do Miacauera, Paraná da Trindade, município de Itacoatiara-AM**. 2006. 142p. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia)- Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GLÓRIA, S. A. **Estudos hidrológicos como subsídio para a melhoria do acesso dos alunos do ensino fundamental às escolas ribeirinhas na bacia do Tarumã-mirim**, Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Amazonas. - Manaus, AM, 2012.

JUNK, W. J.; SOARES, BAYLER, J. P.; SPARKS, R. E. **The flood pulse in river-floodplain systems**. in D.P Dodge ed. *Proceedings of the Internatinal Large River Symposium*. Can. Publ. Fish. Aquat. Sci 1989.

MARQUES, R. O. **Erosão nas margens do rio Amazonas: o fenômeno das terras caídas e as implicações para a cidade de Parintins-AM**. . 175 p. (Dissertação. Mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Sociais). Manaus - AM, 2017.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PORTELLI, A. **História oral e poder**. Mnemosine Vol. 6, nº 2. p. 2-13 (2010) artigos.

SILVA JUNIOR, A. F; BORGES NETTO, M. Por uma educação do campo: percursos históricos e possibilidades. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação**, 2011.

STERNBERG, H.O'R. **A água e o homem na várzea do Careiro**. 2 Ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998. 330p.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. 9ª Ed. – Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.